



## **Atividades laboratoriais em Jornalismo: para quê e para quem?<sup>1</sup>**

**Ariane PEREIRA<sup>2</sup>**

**Marcio FERNANDES<sup>3</sup>**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná

### **Resumo**

Os últimos vinte anos foram marcados por muitas mudanças tecnológicas e essas refletiram nos modos de se fazer Jornalismo nas redações e nos modos de se receber informação para leitores, ouvintes e telespectadores. Essa constatação é o ponto de partida para se pensar a produção laboratorial nos cursos de Jornalismo, em especial nas disciplinas de Rádio e Telejornalismo. O objetivo, assim, é pensar se e como as tecnologias da informação e da comunicação influenciaram na prática laboratorial, ampliando o público e as motivações para a produção. Para tanto, tomaremos como objeto os produtos laboratoriais da disciplinas de Telejornalismo, Telejornal-Laboratório e Radiojornal-laboratório da Unicentro.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Telejornalismo; Radiojornalismo; Práticas laboratoriais em Jornalismo; Disseminação da produção acadêmica.

*O conhecimento sempre governará a ignorância.  
E o povo que se propõe ser seu próprio governante  
deve armar-se com o poder conferido pelo conhecimento.*  
James Madison, estadista americano

Se você, leitor deste paper, cursou Jornalismo até o início dos anos 2000 deve ter passado por situações similares às vivenciadas pelos autores do texto quando fizeram a graduação na década de 1990. Naquele momento, as tecnologias empregadas nas redações, a produção com os equipamentos chamados profissionais, em nada convergiam ou se assemelhavam aos utilizados na produção laboratorial em jornalismo, em especial na área de audiovisual, com tecnologia caseira.

No final da década de 1990, as emissoras de rádio trabalhavam com o MD (minidisk), enquanto em casa, ainda ouvíamos música em CDs ou em fitas-cassetes, mais antigas e as mesmas utilizadas para a gravação de áudios, como entrevistas nas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Jornalista diplomada. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná. E-mail: ariane\_carla@uol.com.br.

<sup>3</sup> Jornalista diplomado. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná. E-mail: marciorf@globo.com.



aulas de radiojornalismo. Diferença significativa na qualidade sonora que restringia (ou impedia) o aproveitamento desse material por emissoras, mesmo universitárias. Na mesma época, as emissoras de TV trabalhavam com equipamentos UMatic ou BetaCam - mais modernos, portáteis e com melhor definição de áudio e vídeo. Se a diferença entre o material capturado entre as duas tecnologias já era bastante nítida, o que falar da comparação com a qualidade de produção das câmeras VHS ou SuperV, caseira e semi-profissional respectivamente? Eram esses os equipamentos utilizados pelos laboratórios de Televisão de muitas universidades.

A diferença entre os equipamentos de áudio e vídeo profissionais com os amadores não se dava apenas em termos técnicos, de qualidade. Na época, os preços das tecnologias também eram desiguais. Se os caseiros já eram caros e pouco acessíveis (por isso, em quantidade restrita nos laboratórios), o que falar dos profissionais? Mesmo as emissoras do interior só tinham acesso a equipamentos usados, quando as maiores, cabeças de rede ou da capital, se desfaziam deles na troca por novos.

Essa realidade, assim, tinha forte influência na produção laboratorial de jornalismo audiovisual. As faculdades de Comunicação, sobretudo as públicas, com poucos recursos, tinham redações-laboratório que pouco se assemelhavam às redações profissionais, utilizando-se de equipamentos domésticos ou semiprofissionais.

Além das condições de produção dos materiais ser deficitária, havia ainda um outro fator de restrição relacionado à produção laboratorial: a questão da exibição. A qualidade técnica abaixo da exigida pelo mercado, impedia, muitas vezes, a exibição, por exemplo, pelas rádios e TVs universitárias. Sem acesso à esses canais, o que mais restava aos professores e alunos de Jornalismo? Quase sempre, a transmissão, via cabo, pelos corredores da faculdade, em televisores e caixas de som e a reprodução em cassetes para a audiência doméstica – família e amigos. Desse modo, a ausência de acesso aos meios de exibição restringia o público desses produtos radiofônicos ou televisivos.

Com a passagem do século passado para o atual, assistimos à ascensão e ao barateamento das novas tecnologias da informação e da comunicação. Hoje, como consequência, não apenas às faculdades de jornalismo estão melhor equipadas (e com mais qualidade técnica), como também os cidadãos em geral têm mais acesso à produção de conteúdo. Os smartphones têm câmeras, fotográficas e de vídeo, de qualidade, bem como captam áudios limpos.



Também presenciamos a proliferação dos meios de exibição. A televisão é sua, é minha, é nossa, é de todos para a postagem e também para a definição da programação. Em sites como o YouTube, todos podem ser produtores de conteúdo e cada um é o programador, definindo o que quer assistir, em que ordem e a que horas. Nessa mesma linha, também podemos falar dos blogs que possibilitam a postagem de conteúdos em áudio, vídeo, fotografia, texto... Esses meios de acesso ao público facilitados pela tecnologia possibilitam, contemporaneamente, a ampliação de quem lê, assiste, ouve a produção jornalística laboratorial.

Nesse sentido, queremos, neste paper, discutir se a ampliação desse público tem sido apropriada pelos rádio e telejornais laboratoriais. Ou seja, perguntamos se os produtos laboratoriais seguem sendo produzidos para poucos ou se têm como alvo a massa de ouvintes e telespectadores possíveis possibilitados pelas tecnologias da informação e da comunicação. Afinal, para quem produzimos e para quem produzimos?

### **O Jornalismo que se ensina**

Desde 2014, com prazo final para o ano letivo de 2016, os cursos de Jornalismo estão passando por uma reformulação geral, a partir da publicação, em 2013, das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de Jornalismo. Este documento, além de estabelecer a mudança de nomenclatura dos cursos – que deixam de formar comunicadores sociais habilitados para o exercício do jornalismo e passam a formar jornalistas –, estabelece uma série de apontamentos que reverberam no que pode ser estabelecido como um modelo a ser perseguido para a formação na área.

O “novo” bacharel em Jornalismo deve ser levado a estabelecer “articulações com diferentes segmentos da sociedade”, como assevera o Parágrafo II do Artigo 1 das DCNs de Jornalismo. Desse modo, ainda segundo o mesmo ponto do texto, os cursos devem privilegiar a participação ativa do aluno, propiciando sua interação permanente “com fontes, profissionais e públicos do jornalismo, desde o início de sua formação, estimulando, desse modo, o aluno a lidar com problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia”.

O aluno de Jornalismo, então, precisa não apenas produzir, mas produzir em situações reais, assemelhadas as que serão encontradas no mercado de trabalho, e com pessoas reais, que contem histórias reais. A prática do Jornalismo, desse modo, é ampla e global. Saem de cena as produções laboratoriais em rádio e televisão de um para raros ouvintes e telespectadores, sendo esses poucos colegas de sala, curso, amigos



familiares, e entram em debate as produções de um para muitos, possibilitadas pelas novas tecnologias da informação. Com a ampliação do público, amplia-se, conseqüentemente, a gama de assuntos a serem tratados, de modo a interagir com esses novos ouvintes e telespectadores.

O convívio com as fontes e a prática acadêmica nos moldes da profissional voltam a ser contemplados adiante pelas novas DCNs para o Jornalismo. Desse modo, é asseverado, por exemplo, que é necessário “inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para sua futura vida profissional” (p.12), de modo a proceder a “distribuição das atividades laboratoriais a partir do primeiro semestre” (p.21), sendo que essas devem “propiciar a interação permanente do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo” (p.15). Essa nova formação, então, deve “estar focada teórica e tecnicamente na especificidade do Jornalismo, com grande atenção à prática profissional” (p.16).

Na Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste), em Guarapuava, Paraná, o novo Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Jornalismo foi formatado no decorrer desse primeiro semestre de 2015, agora segue para tramitação nos Conselhos Universitários da instituição (em especial o CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – e o próprio COU – Conselho Universitário), com vistas a ser implementado no ano letivo de 2016 para as turmas entrantes.

Esse processo levou os autores a pensarem na atual grade, que também ajudaram a formatar, seus pontos altos e baixos, bem como a distribuição, igualitária em termos de carga horária total e importância, das disciplinas atuais entre os eixos propostos como espinha dorsal dos cursos de Jornalismo pelos PCNs – a saber: Eixo de fundamentação humanística; Eixo de fundamentação específica; Eixo de fundamentação contextual; Eixo de formação profissional; Eixo de aplicação processual; e Eixo de prática laboratorial. Essa reflexão levou a outra, tão complexa quanto, que diz respeito a uma avaliação das práticas laboratoriais em rádio e em televisão nas disciplinas ministradas pelos autores. Desse modo, buscando entender para quê e para quem estamos produzindo – isto é, se estamos procurando atender as novas especificidades da formação e nos apropriando das novas tecnologias da informação e da comunicação na publicização desse material ou se seguimos, ainda, os métodos praticados ainda quando éramos acadêmicos – trabalhamos na elaboração deste relato de experiência.



## O universo do radiojornalismo universitário

Ao tratar da caracterização de uma formação de qualidade para um jornalista, Kunczik (1997, p. 16) fornece elementos que se aplicam ao ensino da profissão em si no meio universitário:

O jornalista é quem está envolvido na formulação do conteúdo do produto da comunicação de massa, seja na reunião, na avaliação, na apuração, no processamento ou na divulgação de notícias, nos comentários ou no entretenimento.

Já Carl Hausman, Fritz Messere, Lewis O'Donnell e Philip Benoit, em *Rádio: produção, programação e performance* (2010, p. 20) argumentam que a alta tecnologia nessa mídia não afetou a relevância dos processos de criação feitos, claro, pela capacidade humana. Ocorreu o oposto, sustentam: “Com toda a excitação em relação ao Rádio automatizado e aos formatos pré-gravados, pode parecer que resta pouco a fazer na produção radiofônica em nível local”.

Tomando-se como verossímeis as duas assertivas, há cinco anos têm sido postas em prática proposições que vão muito além do ensino clássico de Radiojornalismo na Unicentro. A visão pedagógica está mais centrada em uma formação que é mais de Radialismo do que de Jornalismo Radiofônico, que é menos uma técnica vocal prescrita (incluindo o de locutor padrão de emissoras de Frequência Modulada, as FMs) e um texto um tanto 'quadrado' (baseado nos pressupostos do lead, por exemplo) e mais uma busca de ampliação de repertório informativo, sobretudo cultural. Marcio Fernandes, em *Que Rádio é esse? Apontamentos para a produção radiofônica no século XXI* (2012, p. 10) lembra que

A cultura radiofônica que vigora nestes meados de século 21 se cristalizou na segunda metade do século passado, na esteira da Teoria do Espelho, esta visão teórica cunhada por autores americanos que, em linhas gerais, pregava a necessidade de ser o jornalista um sujeito alheio à sociedade no sentido de ter opinião e, mais, externá-la em seus textos e imagens. Era a visão de que objetividade, isenção e independência seriam valores passíveis de serem alcançados quando da produção de conteúdos. Um sujeito amorfo, em outras palavras.

Tendo esses vértices como rumo é que se chegou à produção, em 2010, de uma série denominada Clave do Som, uma corruptela para Clave do Sol, símbolo musical que indica a posição da nota Sol em uma partitura. Durante todo o ano letivo, foram



levados ao ar edições que retratavam sobretudo os gêneros fundamentalmente verde-amarelos, como Frevo, Baião, Tecnobrega e Nativismo gaúcho. Assim como Atlas (feito em 2009), Clave do Sol

tinha como mola-mestra o contar aspectos por vezes pouco conhecidos do País, a partir do cenário musical. Durante todo o ano, artistas renomados nacionalmente ou não concederam entrevistas aos estudantes, dentre elas figuras como Edson Dutra (vocalista do grupo gauchesco Os Serranos) e Kid Vinil (hoje DJ e ex-vocalista da banda de pop rock Magazine) (idem, p. 44).

A música nacional era o pano central para descortinar aspectos da cultura de cada pedaço do País. A prática jornalística, então, era destinada a revelar ou lembrar ao ouvinte a gastronomia vinculada ao Frevo nordestino, os hábitos de vestimentas e danças e muito mais. Assim como Atlas (cujo slogan era *A revista semanal que corre o mundo*), Clave do Sol era levado ao ar em período noturno. No ano seguinte, Terras Brasileiras, produzido por calouros do curso de Jornalismo da Unicentro, era difundido semanalmente ao meio-dia, às quartas-feiras, mantendo o mesmo espírito de apresentar ao alunado a possibilidade de uma prática profissional para muito além da suposta objetividade.

Mas não é demais lembrar que o Radiojornalismo clássico nunca foi deixado de lado na disciplina. Em momentos distintos, como 2009 e 2012, acadêmicos produziram materiais como os boletins diários Panorama 277, conteúdos de até três minutos versando sobre acontecimentos factuais de cidades do Centro do Estado do Paraná cortadas pela rodovia federal 277. O Panorama, aliás, era inspirado em um dos mais reconhecidos noticiários regulares brasileiros, o Correspondente Ipiranga (rádio Gaúcha, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul), no ar há mais de 50 anos (Déborah Cattani, 2013, p.2) e que também teve sua inspiração em outro produto famoso, a síntese noticiosa do Repórter Esso, criado em 1941.

Todas essas criações saídas da escola da Unicentro, além de devidamente difundidas em redes sociais, também chegaram aos ouvintes por meio da rádio Universitária Entre Rios FM 99.7, com sede em Guarapuava, inaugurada em 1986 e com ondas sonoras capazes de atingir cerca de 30 municípios da zona central do Estado, onde vivem em torno de 500 mil pessoas. Mantida pela Fundação Pioneira de Radiodifusão Educativa do Paraná, a emissora tem na Unicentro e na Cooperativa



Agrária Agroindustrial (igualmente de Guarapuava) as suas entidades gestoras, enquanto estação educativa, nos termos da legislação vigente.

### **Produções laboratoriais em Telejornalismo na Unicentro**

A discussão teórica, o debate sobre o fazer jornalismo de televisão – seus gêneros e formatos –, e a prática em si ocupa (na atual grade do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unicentro com características principais replicadas na nova grade do curso de Jornalismo ainda em trâmite) 204 horas-aula. Desse total, 68 h/a estão no primeiro ano do curso (lembrando que na universidade nosso curso é anual) e 136 h/a no segundo, sendo as disciplinas – Telejornalismo e Telejornal-Laboratório – uma a sequência da outra.

A primeira, Telejornalismo, mescla dois eixos propostos pelas novas DCNs de Jornalismo - Eixo de aplicação processual e Eixo de prática laboratorial. Afinal, num primeiro momento, são apresentados o gênero telejornal – mais praticado entre os gêneros do telejornalismo no Brasil – e seus formatos. Esse fazer-conhecer é acompanhado pelo fazer-refletir sobre a prática do telejornal bem como pelo histórico do veículo e do gênero e, também, pelo fazer-fazer quando os alunos são levados a praticar cada um dos formatos.

Na etapa seguinte da disciplina, já conhecendo e tendo praticado individualmente cada um dos formatos, passa-se a produção do gênero telejornal com a realização de cinco telejornais-laboratório. Divididos por funções, que acompanham as praticadas nas redações de emissoras de TV e são rotativas, eles produzem, num grau de dificuldade crescente, telejornais para públicos diferentes.

Assim, na primeira edição, o público-alvo é a comunidade universitária e, portanto, o projeto editorial é voltado para assuntos relacionados à própria universidade. Na segunda edição, o público é ampliado e passa a abranger, também, a comunidade do bairro Santa Cruz, onde fica localizada a Unicentro, em Guarapuava e as pautas, desse modo, vão abordar a realidade do bairro. Na edição seguinte, a de número três, as reportagens versam sobre temáticas locais, quando o público passa a ser pensado como o da cidade de Guarapuava. Por fim, na quarta e na quinta edições, os telejornais continuam a ser locais, mas os assuntos abordados poderiam, na quarta edição, suitar assuntos estaduais e, na edição 5, assuntos nacionais a partir de repercussões locais.

Essa ampliação crescente do público-alvo e da abrangência dos telejornais possibilitam que os acadêmicos se sintam mais seguros, passando do que é mais



familiar para o que depende da procura de fontes externas; ampliem seu conhecimento sobre o texto, os formatos e a construção das narrativas telejornalísticas; construam conhecimento para a produção de imagens; e, ainda, familiarizem-se, efetivamente, com as câmeras na reportagem e na apresentação. Construindo, assim, conhecimento e ampliando, gradativamente, o grau de dificuldade no exercício da prática jornalística, de modo geral, e de TV, especificamente.

Também é importante ressaltar que, essa prática volta, edição a edição, a versar, como na primeira etapa da disciplina de Telejornalismo, sobre a questão dos formatos do gênero telejornal. Isso porque cada pauta apresentada pelos alunos é discutida e construída de modo que eles percebam qual é o formato mais apropriado para um determinado fato. Além disso, as edições não podem ser compostas por um formato, a maior parte – os mais usuais – devem estar presentes em todas as edições. Desse modo, cada telejornal deve contar com notas peladas, notas cobertas, notas retorno (quando necessário e/ou apropriado), VTs, links, entrevistas de estúdio. Além dos componentes estruturais – escalada (com manchetes, teaser de imagens, do repórter, de sonora e de abra-áudio) e passagens de bloco.

A rotatividade garante que, ao final da produção, os acadêmicos tenham passado, no mínimo, uma vez por cada função – pauta/produção, reportagem, edição (que, por depender além do material produzido pelo repórter, o texto, também precisa da produção imagética e, assim, é levado a reconhecer a importância das imagens, também atua como repórter-cinematográfico) e uma de chefia (de reportagem ou editor-chefe).

Já no segundo ano, durante a disciplina de Telejornal-Laboratório, o eixo privilegiado é o da atividade laboratorial. Porém, o processo também faz parte aprendido e da prática em jornalismo de TV. Desse modo, efetivamente, no primeiro semestre, os alunos produzem dez edições laboratório que, seguindo a experiência do ano anterior, também são construídas num crescente de dificuldade.

Assim, são realizadas quatro edições de abrangência local com possibilidade de se tratar assuntos da universidade, dos bairros, da cidade e, em formato de suíte, do estado e do país. A diferença nesse momento é que as edições e o público-alvo variam de acordo com o horário de exibição do telejornal, sendo que esse varia da primeira a quarta produção, iniciando com a produção de um matutino, passando para o do horário do almoço, para o vespertino (fim de tarde, início de noite) e chegando ao noturno (fim de noite). Desse modo a abordagem muda acompanhando o público e, também, o



tratamento da notícia, desde a antecipação, passando pela repercussão do fato em si, até a análise do acontecido.

As três edições seguintes são voltadas para a prática do telejornalismo especializado, realizando-se, desse modo, uma edição de jornalismo econômico, outra de jornalismo e agronegócio e uma de jornalismo esportivo. Nesse caso, variando também o público, a abordagem dos assuntos, mais aprofundada dado o interesse do público por uma temática específica e, também, a linguagem, já que as narrativas e os textos devem ser construídos não apenas para um público específico, mas também sobre assuntos que têm características, vocabulário e fontes específicas.

Depois da especificidade voltamos para a produção generalista com a realização de três edições em “tempo real”. Nessas edições procuramos reproduzir, o mais fielmente possível, o dia a dia de uma redação. Desse modo, divididos em equipes, os acadêmicos iniciam as atividades pela manhã, trocam de turno no início da tarde e finalizam as atividades com a apresentação de um telejornal, resultado da prática e da produção daquele único e exclusivo dia. Nessa etapa, já totalmente familiarizados com o veículo e com a produção telejornalística, o objetivo passa a ser não apenas fazer, mas fazer no ritmo e deadline das redações profissionais.

Com as edições em “tempo real” de redação, findamos a prática do gênero telejornal e passamos para uma segunda etapa da disciplina de telejornal-laboratório. Nela, os acadêmicos são levados, inicialmente, a pensar efetivamente nas mudanças que as novas tecnologias da informação e da comunicação estão produzindo na prática profissional do jornalismo de televisão e, desse modo, são estimulados a pensar, planejar e executar um novo produto telejornalístico ou um formato a ser exibido num telejornal a partir das facilidades tecnológicas. É o momento da criação efetiva.

Na segunda parte da segunda etapa, é trabalhado o gênero documentário, em seus dois formatos possíveis – o modelo europeu, tradicional, e o modelo norte-americano, da grande-reportagem de TV. A partir da exibição de documentários os dois formatos são diferenciados e os aspectos formais e teóricos de cada um são abordados para, na sequência, a partir da discussão das etapas de produção de cada um, iniciar a prática em si, sendo produzidos uma grande reportagem conjunta e documentários jornalísticos a partir da divisão proposta pelos próprios grupos.

### **Em busca de apontamentos finais**



A busca pela excelência em produção radiofônica e televisiva no Ensino Superior brasileiro passa pela adoção também de referências justamente de altíssimo nível. É o que, em *Pequena Estética*, Max Bense chama de aquisição de repertório. Em texto de 1972, Phillip Elliott (apud Traquina, 2004, p. 101) pondera algo similar: “Se o indivíduo adota um quadro profissional de referência, então estas características são as que lhe estarão acessíveis como indicadores pelos quais se orientar a sua atividade”. É por isso que os docentes da Unicentro envolvidos neste campo da formação profissional dos alunos apresentam a eles criações como a do Correspondente Ipiranga, além de partilhar com o estudantado suas próprias trajetórias no mercado de trabalho justamente nestes dois segmentos – Rádio e TV. Ainda sobre o assunto, Traquina (idem) escreve que “para Elliott, o processo dinâmico de profissionalização envolve 'fazer é ser' e a aprendizagem de papéis e a aquisição de uma variedade de ideias estereotipadas e modelos populares”.

É por isso que, ao longo das disciplinas em questão, todos os grandes formatos acabam sendo trabalhados – da entrevista isolada aos documentários, transpassando os já mencionados programas de esteio cultural. Em paralelo, enquanto cada produto segue o leito normal do fluxo de elaboração, há se refletir sobre a própria condição presente e quanto aos tempos que virão. O jornalista (e o aluno deste campo), lembremos, é um historiador do tempo presente, condição que deve ser acentuada quando se trata da áudio-difusão e da vídeo-difusão públicas, caso dos conteúdos advindos da Unicentro. O mero reproduzir de práticas mercadológicas não coaduna com o Ensino Superior público. No caso do Rádio, a reflexão é permanente no seio da disciplina do curso de Jornalismo da instituição em questão. No mesmo *Que País...*, Fernandes (idem, p. 55 e 56) traça algumas dessas balizas:

Goste-se ou não, o futuro do Rádio parece estar atrelado também a aspectos relacionados à Transmídia, um termo sobre o qual Robert Jenkins transita com propriedade, e ao Infotainment, esta híbrida técnica de produção de conteúdos que há anos cresce com força na TV e na Internet e ainda carece de espaço no Rádio e nas mídias impressas (potencialmente nos jornais diários).

Transmídia, lembremos, é a junção de várias ferramentas de acesso a conteúdos, além da possibilidade de que estes mesmos conteúdos sejam consumidos em partes (ou no todo) e de distintos modos em plataformas díspares, caso da série televisiva americana *Lost* (2004-2010). Já Infotainment pode ser melhor ilustrado a partir de um



exemplo considerado bastante pertinente, o programa *Encuentro en el Estudio*, levado ao ar pelo canal argentino *Encuentro* (mantido pelo governo nacional daquela nação). Admiravelmente feito a partir da mescla de uma linguagem radiofônica com formato de TV (ou vice-versa, dúvida essa que é de um seus misteriosos charmes), *Encuentro* é um marco para toda a América Latina. Conduzido por Lalo Mir, entrega a seus fãs o que Fernandes (ibidem, p. 55) chamou de “ritmo de conversa amiga no quintal da nossa casa”. Para Mir, destaca-se, o conteúdo jornalístico é tão relevante quanto o caráter educativo, a partir das bases do Entretenimento, conforme prescrito na sinopse do programa:

A música forma parte da cultura dos povos, expressando desejos e emoções e refletindo as identidades de cada época. E são os músicos aqueles que encarnam este tipo de Arte. Para tanto, *Encuentro* apresenta um ciclo de entrevistas exclusivas realizadas com músicos destacados que gravitam no cenário nacional argentino em diferentes gêneros. O programa percorre a história essencial dos artistas, busca descobrir a poesia por detrás das canções, demonstrar as harmonias e encontrar o lugar que cada músico ocupa dentro da sociedade. Tanto os músicos como Lalo Mir criam um clima intimista e descontraído durante a conversa, que é sempre acompanhada por músicas que marcaram as carreiras dos artistas e seu público.

Em suma, esse é o norte seguido em boa medida pelo Radiojornalismo na Unicentro, sem que a audiência receba produtos pasteurizados (quanto a seu formato, conteúdo ou estética sonora), algo que, conforme dito nas linhas inaugurais desta investigação, é recorrente em muitas carreiras de Comunicação Social do Brasil. Neste cenário, o docente responsável pela disciplina atua mesmo como orientador do fazer e os alunos, de fato, como aprendizes, onde há espaço para experimentação, para a posição e para a contraposição, trinômio, aliás, responsável pelo progresso do saber científico. Em 2015, na disciplina, este tríduo tem sido aplicado na série semanal *Noites 80* (com 15 episódios veículos entre maio e agosto, de 30 minutos cada), enquanto mosaico de uma década considerada *perdida* somente para aqueles que não a conhecem.

Em televisão, algo similar ocorre. A prática efetiva e o contato com as fontes permitem que os alunos sejam levados a perceber que telejornalismo, apesar das prerrogativas da sociedade da imagem e da exposição contemporânea, não é glamour, nem estrelato. O trabalho do jornalismo de televisão é tão difícil quanto o de qualquer outro veículo, estando a construção da credibilidade ligada à apuração da notícia, a



variabilidade de fontes e de assuntos, ao aprofundamento de temas caros à sociedade e a investigação.

São esses os parâmetros para a construção e aplicação das disciplinas laboratoriais em jornalismo de TV e rádio, ministradas pelos autores deste paper, na Unicentro. Passado o momento da panoramização das atividades pretende-se continuar na reflexão de para quem e para quê estamos produzindo, de modo a adaptar e/ou reconfigurar as disciplinas e, sobretudo, as atividades práticas com vistas à atuação profissional. Afinal, a partir do start das TICs, o Jornalismo está a todo tempo se reconfigurando. E com a prática laboratorial essa deve ser a tônica também.

### **Referências bibliográficas**

CATTANI, Déborah. A síntese noticiosa do Correspondente Ipiranga: um estudo analítico sobre o radiojornal. **ComTempo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 01-10, 2013.

FERNANDES, Marcio. **Que Rádio é esse?** Apontamentos para a produção radiofônica no século XXI. Guarapuava: Nead Unicentro, 2012.

HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis; BENOIT, Philip Benoit (2010). **Rádio: produção, programação e performance**. São Paulo: Cengage Learning.

KUNCZIK, Michael (1997). **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: Edusp.

MICK, Jacques (org) (2012). **Quem é o jornalista brasileiro?** Perfil da profissão no País. Florianópolis/Brasília: UFSC/Fenaj.

MINISTÉRIO DE EDUCACIÓN DE LA REPÚBLICA ARGENTINA,  
[www.encuentro.gov.ar](http://www.encuentro.gov.ar)

MOURA, Cláudia Peixoto (2007). **Padrões de qualidade para o ensino de Comunicação no Brasil**. In: KUNSCH, Margarida Krohling (org). Ensino de Comunicação: qualidade na formação acadêmico-profissional. São Paulo: ECA/Intercom, p. 43-62.

TRAQUINA, Nelson (2004). **Teorias do Jornalismo, volume 1**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular.

